

CARTA ENCÍCLICA *SPE SALVI*
DO SUMO PONTÍFICE BENTO XVI

*Padre João Lavrador**

Após ter agraciado a Igreja e mesmo o mundo com uma notável Encíclica «Deus Caritas Est», no início do Advento de 2007, convida todos os homens de boa vontade a reflectirem sobre a esperança e o específico da Esperança cristã no contexto das grandes procuras e das grandes ofertas que se colocam perante o ser humano. Começa na introdução por afirmar que a redenção é-nos oferecida no sentido de que nos foi dada na esperança, «uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho» (n.º 1).

Podemos dividir este documento em quatro partes: a esperança cristã à luz do Novo Testamento, a esperança no tempo moderno, a verdadeira fisionomia da esperança cristã e os lugares de aprendizagem e de exercício da esperança.

Situando-nos na primeira parte, começa por relacionar a esperança com a fé, de tal modo que, sendo a fé uma palavra central na Bíblia, é possível em várias passagens intercambiar os termos fé e esperança. Particularmente nos textos em que se compara a vida dos cristãos com a que possuíam antes da conversão, a fé aparece como elemento distintivo dos cristãos pelo facto de estes terem um futuro. O cristianismo não era para eles apenas uma boa nova, como comunicação de conteúdos até então ignorados, mas a linguagem cristã é também «performativa». Isto significa que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida. Quem tem esperança, vive uma vida nova (n.º 2).

Os primeiros cristãos conheciam as religiões cósmicas e a religião do Império Romano. Qualquer uma destas não gerava esperança, umas porque

* Assistente eclesiástico do CADAC.

tinham perdido a sua credibilidade, o divino era visto de variados modos nas forças cósmicas mas não existia um Deus a quem se pudesse rezar, na segunda, estavam perante uma religião política, com grandes cerimoniais mas sem conteúdo. Não são os elementos do cosmos que governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa (n.º 5). Para ilustrar esta realidade, os primeiros cristãos colocavam nos sarcófagos a Jesus Cristo na figura de filósofo e de pastor. Com a primeira figura pretendiam oferecer aquele que sabe ensinar a arte essencial, isto é, a arte de ser rectamente homem, a arte de viver e de morrer. Só Cristo nos indica o caminho da verdade. Ele indica o caminho para além da morte, só Ele é um verdadeiro mestre da vida. A segunda figura, a do pastor, sublinha-se o sonho de uma vida serena e simples, mas em Cristo, o verdadeiro pastor, é Aquele que conhece o caminho que passa pelo vale da morte. Recorrendo à Carta aos Hebreus (11,1), afirma-se que a fé é um «habitus», isto é, uma predisposição constante do espírito, em virtude do qual a vida eterna tem início em nós e a razão é levada a consentir naquilo que não vê. Pela fé, em gérmen, já estão presentes em nós as coisas que se esperam, a totalidade, a vida verdadeira. A fé não é só a inclinação para as coisas que hão-de vir, mas é a oferta de algo. Dá-nos já a realidade esperada. Ela atrai o futuro para dentro do presente, de tal modo que o facto deste futuro existir modifica o presente (n.º 7).

Esta experiência leva os cristãos a suportarem os sofrimentos, a perseguição e a perda de bens, porque sabem que possuem um bem maior e melhor. Podiam prescindir da «substância» material, porque tinham achado uma base melhor para a sua existência melhor porque permanece e ninguém lhas pode tirar. Isto leva-nos a afirmar que para os cristãos as coisas futuras, ou seja, a promessa de Cristo não é uma realidade apenas esperada, mas uma verdadeira presença: Ele é verdadeiramente o filósofo e o pastor que nos indica onde está a vida (n.º 8).

Passa-se, então, a apresentar o que se entende por vida eterna. Perante o desejo do ser humano em não morrer, coloca-se a pergunta: o que é a vida? E o que significa realmente a eternidade? Recorrendo a Santo Agostinho, afirma-se que o que nós queremos é simplesmente a vida «bem-aventurada», a vida que é simplesmente vida, pura felicidade. Mas o homem apenas a procura, presente-a mas não a vive. Esta coisa desconhecida é verdadeira esperança. A palavra «vida eterna» procura dar nome a esta desconhecida realidade conhecida. Não é uma sucessão de dias, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Podemos apenas pensar que este instante é a vida no sentido pleno, incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria (n.º 12)

Daqui passa-se para a afirmação de que a salvação é uma realidade comunitária. Se o pecado é o corte comunitário e a redução do ser ao individualismo, a salvação é o reintroduzir na comunhão. A vida verdadeira, para a qual sempre tendemos, depende do facto de se estar na união existencial com um povo e pode realizar-se para cada pessoa somente no âmbito do nós (n.º 14).

Esta visão da vida bem-aventurada, afirma Bento XVI, orientada para a comunidade, visa, certamente, algo que está para além do mundo presente, mas é precisamente deste modo que ela tem a ver também com a edificação do mundo (n.º 15).

Na segunda parte, referindo-se à transformação da fé-esperança cristã no tempo moderno, analisa os diversos autores da modernidade que contestam a realidade da fé cristã como verdadeira esperança para o mundo. Desde Francisco Bacon, que coloca toda a esperança na ligação entre ciência e prática, agora a fé transforma-se em fé no progresso, até Emanuel Kant com o qual se substitui a fé religiosa pela fé racional.

A ideia de progresso é atravessada por duas categorias centrais: razão e liberdade. Estas parecem garantir por si mesmas uma nova comunidade humana perfeita.

O século XIX não perdeu a sua fé no progresso como nova forma da esperança humana e continuou a considerar a razão e a liberdade como os grandes guias para seguir no caminho da esperança. Mas cedo se depara com uma questão nova motivada pelo avanço técnico e a industrialização: o proletariado industrial. Aqui surge a resposta de um salto revolucionário proposto por Marx. Tendo-se diluído a verdade do além, tratar-se-ia agora de estabelecer a verdade de aquém. «A crítica do céu transforma-se na crítica da terra, a crítica da teologia na política. O progresso rumo ao mundo definitivamente bom, já não vem simplesmente da ciência, mas da política» (n.º 20). O erro de Marx, afirma Bento XVI, situa-se no facto de ele se esquecer que o homem permanece sempre homem. Esqueceu o homem e a sua liberdade e que esta permanece sempre liberdade, inclusive para o mal. O seu erro é o materialismo; de facto, o homem não é só o produto de condições económicas, nem se pode curá-lo apenas do exterior criando condições económicas favoráveis (n.º 21).

Daqui, encontrarmo-nos novamente perante a questão: o que é que podemos esperar? Neste documento, lança-se um desafio importante e novo: é necessária uma autocrítica moderna feita em diálogo com o cristianismo e com a sua concepção de esperança. Neste diálogo também os cristãos devem aprender de novo, no contexto dos seus conhecimentos e experiências, em que consiste verdadeiramente a sua esperança, o que temos para oferecer ao mundo e, ao contrário, o que não podemos oferecer. É preciso que na autocrítica da idade moderna, conflua também uma autocrítica do cristianismo moderno. Se ao progresso técnico não corresponde a formação ética do homem, no

crescimento do homem interior, então, em vez de ser progresso, transforma-se numa ameaça para o homem e para o mundo (n.º 22).

Para que a razão seja verdadeiramente humana e liberta deve abrir-se às forças salvíficas da fé, ao discernimento do bem e do mal. O mesmo se diga da liberdade, pois esta necessita de um critério intrínseco de ponderação que é fundamento e meta de toda a liberdade. Isto expressa-se na realidade de o homem ter necessidade de Deus; de contrário, fica privado de esperança (n.º 23).

Passa, então, a apresentar a verdadeira fisionomia da esperança cristã. Começa por retomar uma pergunta muitas vezes feita ao longo do texto: o que é que podemos esperar? Faz a distinção entre o que é o progresso contínuo das estruturas da matéria e a liberdade humana no que toca à consciência ética e à decisão moral. Aí a liberdade humana é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem e cada geração seja sempre um novo início. O tesouro moral da humanidade não se pode comparar aos instrumentos que se usam, porque aquele existe como convite à liberdade e como sua possibilidade. Isto exige: o recto estado das coisas humanas, o bem estar moral do mundo exige a liberdade convicta e esta deve ser sempre e novamente conquistada comunitariamente; a liberdade humana é sempre frágil e por isso deve estar permanentemente conquistada e orientada para o bem. A livre adesão ao bem nunca acontece simplesmente por si mesma (n.º 24).

Prossegue o texto afirmando que a ciência pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos, mas não redime o homem. A única realidade que redime o homem é o amor. Por isso, o ser humano necessita do amor incondicionado. Deus, em Jesus Cristo, manifesta este amor absoluto. Só neste amor o homem faz a experiência da redenção.

Neste sentido, é verdade que quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida. A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus que nos ama até ao fim (n.º 27). Só deste modo, o homem experimenta a verdadeira vida como relação. A vida na sua totalidade é relação com Aquele que é a fonte da vida.

Surge novamente a pergunta se não caímos na óptica da salvação individual. Diz Bento XVI que não, porque a relação com Deus estabelece-se através de Jesus Cristo e o facto de estarmos em comunhão com Jesus Cristo envolve-nos no seu ser para todos, fazendo disso o nosso modo de ser, porque só na comunhão com Ele se torna possível sermos verdadeiramente para a comunidade (n.º 28). Citando a Santo Agostinho, diz que isto é o que significa a vida totalmente nova: «É o Evangelho que me assusta – aquele susto salutar que nos impede de viver para nós mesmos e que nos impele a transmitir a nossa esperança comum» (n.º 29).

Conclui dizendo que esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que sozinhos não podemos alcançar. O seu reino não é algo de inalcançável, pelo contrário, está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança.

A quarta e última parte do texto refere-se aos lugares de aprendizagem e do exercício da esperança. São eles a oração como escola da esperança; o agir e sofrer; o Juízo.

A primeira e essencial escola de aprendizagem da esperança é a oração, porque quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Citando novamente a Santo Agostinho, define a oração como o exercício do desejo. O homem foi criado para uma realidade grande, isto é, para o próprio Deus, mas o seu coração é demasiado pequeno para esta realidade, necessitando, por isso, de ser dilatado. O desejo dilata o coração. O modo correcto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus e, desta forma, aptos para os homens (n.º 33). E continua dizendo que, para que a oração desenvolva esta força purificadora, deve ser muito pessoal, num confronto entre o meu eu e Deus, mas de igual modo deve ser iluminada pela oração da Igreja e dos santos. Só deste modo podemos afirmar que Deus fala em nós (n.º 34).

Em segundo lugar, como escola de aprendizagem da esperança, aparece o agir e sofrer. Toda a acção séria e recta do homem «é esperança em acto. Só a grande esperança – certeza, afirma Bento XVI, apesar de todos os fracassos, de que a minha vida pessoal e a história no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância –, só uma tal esperança pode dar ainda a coragem de agir e de continuar quando não há motivos para a esperança. O reino de Deus é dom e, por isso mesmo, é grande e belo, constituindo a resposta à esperança (35).

O sofrimento faz parte da existência humana. Ele deriva da nossa finitude e do volume de culpa que se acumulou ao longo da história e que, mesmo actualmente, cresce de modo irreprimível. Devemos fazer tudo para eliminar o sofrimento, mas não temos possibilidades de o fazer totalmente, dada a nossa finitude e a porque não somos capazes de eliminar o mal e a culpa que é a fonte contínua do sofrimento. Só Deus o pode fazer. Só um Deus que pessoalmente entra na história fazendo-se homem e sofre nela (n.º 36). Só pela fé em Deus que está presente no mundo, podemos ter a certeza que surgiu na história a esperança que cura o mundo. Não é evadindo-se do sofrimento que se encontra o sentido da vida, pelo contrário, só na capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor, se poderá encontrar a estrela da esperança.

A grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido, mesmo interiormente, é cruel e

desumana (n.º 38). A esperança surge quando o sofrimento é compartilhado, no qual há presença do outro e, como tal, é penetrado pela luz do amor. Os elementos fundamentais de humanidade, sem os quais o homem se destruiria, são: sofrer com o outro e pelos outros, sofrer por amor da verdade e da justiça, sofrer por causa do amor e para se tornar uma pessoa que ama verdadeiramente. Cabe à fé cristã, na história da humanidade, o mérito de ter suscitado no homem, de maneira nova e profunda, a capacidade dos referidos modos de sofrer que são decisivos para a humanidade. A verdade, a justiça e o amor, são na óptica da fé cristã, não simplesmente ideais, mas realidades de imensa densidade. O homem tem para Deus um valor tão grande que Ele mesmo se fez homem para poder padecer com o homem, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos é demonstrado nos relatos da paixão de Jesus. A capacidade de sofrer por amor da verdade é a medida de humanidade (n.º 39).

Dentro da escola da aprendizagem da esperança, apresenta-se, por último, o Juízo. Refere-se, a este propósito, que a fé em Cristo nunca se limitou a olhar só para trás nem só para o alto, mas olhou sempre também para a frente, para a hora da justiça que o Senhor repetidamente preanunciara. Analisando as correntes ideológicas dos últimos séculos e alguns dos seus protagonistas, sublinha a encíclica que o mundo não pode criar a justiça por sua conta, porque, se tal acontece, é um mundo sem esperança. Um mundo sem Deus é um mundo sem esperança.

Deus revela a sua Face precisamente na figura do servo sofredor que partilha a condição do homem abandonado por Deus, tomando-a sobre si. Este sofredor inocente tornou-se esperança-certeza: Deus existe e Deus sabe criar a justiça de um modo que nós não somos capazes de conceber mas que, pela fé, podemos intuir (n.º 43). Por isso, a fé no Juízo final é sobretudo esperança. O homem é feito para a eternidade. Por uma questão de justiça e testificado nos últimos séculos, o homem espera pela vida na sua totalidade. O homem suspira pela comunhão divina, que é justiça e graça. O encontro com Cristo é o acto decisivo do Juízo (n.º 47).

A finalizar o texto, Bento XVI apresenta Maria como a estrela da esperança. Percorrendo o que nos Evangelhos nos manifesta a relação de Maria com o seu Filho Jesus Cristo, culminando com as palavras de Cristo no Gólgota: «tende confiança, eu venci o mundo» e no alto da cruz Jesus entrega Maria aos Apóstolos que a receberam consigo para que, após a ressurreição e o Pentecostes, Ela permanecesse no meio dos discípulos como sua Mãe, como Mãe da Esperança (n.º 50).